



***Pensando
como um
assassino***

SEAN FLYNN

Quando as pistas da investigação de um caso de homicídio não levam a nenhuma conclusão, é hora de um trabalho de polícia muito especial



Os detetives Steve Murphy e Tim Murray; Corinne Flynn (no detalhe)

NINGUÉM sabe dizer com precisão quando o último alento de vida abandonou Corinne Flynn, mas deve ter ocorrido em algum momento entre a noite de domingo, 25 de agosto, e a noite de terça-feira, 27 de agosto de 1991. No domingo, a mãe de Corinne, Bárbara Comperchio, conversou com a filha por telefone; dois dias depois, Bárbara e dois de seus filhos encontraram Corinne no andar de cima da casa de dois quartos em Boston. Corinne, 33 anos, fora estuprada e morta a golpes de faca.

Detetives da Divisão de Homicídios concluíram que a vítima conhecia o agressor: ela costumava trancar a porta da frente com duas travas, e nenhuma delas fora arrombada. Mal chegando a 1,55 metro de altura e com poucos 40 quilos de peso, Corinne sofria de esclerose múltipla. Era improvável que convidasse um estranho à casa onde morava com Courtney, sua filha de 8 anos, que estava visitando a avó.

Corinne tampouco reagiu, ao menos a princípio. Não havia sinais de luta no térreo. Toda a violência ocorreu no quarto, onde uma batalha feroz arrancou os lençóis da cama e deixou Corinne esparramada sobre o colchão descoberto. Ao terminar, o assassino se retirou sem deixar impressões digitais.

A polícia tinha três suspeitos – incluindo o namorado de Flynn. No entanto, todos foram logo inocentados. Meses se passaram, e o caso definiu. Estancado e não resolvido, o inquérito ficou mofando junto a tantos outros cujas pistas haviam se esgotado.

Em agosto de 1994, as autoridades transferiram o caso para a Divisão de Casos Não Resolvidos, composta pelos tenentes-detetives Timothy J. Murray e Stephen A. Murphy.

Aos 38 anos, Tim Murray é um dos mais jovens tenentes-detetives de Boston. Filho de um antigo presidente do sindicato da polícia, é dinâmico, com tendência a falar mais rápido do que os pensamentos da maioria das pessoas. Já o tenente-detetive sênior Steve Murphy, 59 anos, é o típico tira à paisana, com

aquele jeito ponderado e calmo de quem já investigou mais de uma centena de homicídios.

Murphy descreve assim a parceria: "O trabalho consiste em intelecto e experiência. Eu tenho a experiência e ele, o intelecto." Juntos, devassam velhos arquivos e interrogam colegas detetives, ampliando o campo de investigação.

Murphy se ocupa das provas e da cena do crime, esmiuçando, tão meti-



A partir de fotografias e outras evidências os detetives descobriram detalhes cruciais a respeito do assassinato de Corinne Flynn

culosamente quanto possível, os fatos e o momento em que ocorreram. O trabalho de Murray consiste em penetrar a mente do criminoso. "Para agarrar um assassino" diz ele, "você precisa pensar como um assassino."

Trabalham em 25 casos de cada vez, uma miscelânea de assassinatos não resolvidos e foragidos procurados por homicídio. Destes últimos, 37 foram levados a julgamento, e receberam a condenação. De uma lista de 44 mandados de prisão pendentes desde

1992, (alguns com data de quase trinta anos atrás), apenas 18 não foram cumpridos.

A partir de fotografias e outros dados sobre a cena do crime, Murphy compilou alguns detalhes cruciais. O mais revelador é, provavelmente, o telefone de parede no corredor de entrada da casa de Corinne. O aparelho estava desligado; o fio solto, pendurado no receptor, havia sido arrancado da base do aparelho. "Aquilo demonstra planejamento, e planejamento vem com experiência", Murphy disse a Murray. "Qualquer um que faça isso, certamente já andou brincando de gato e rato."

EM SETEMBRO DE 1994, um mês depois que a dupla foi designada para o caso Flynn, Murray e Murphy receberam, em sua sala, Bárbara Comperchio e os filhos Anthony, 33 anos, e David, 26 anos, e crivaram os três de perguntas sobre Corinne. Surgiram mais algumas pistas: as jóias dela haviam sido encontradas em um cinzeiro na mesa de cabeceira. Como era seu hábito deixá-las ali antes de dormir, concluíram que ela deveria estar na cama quando o assassino bateu à porta.

Esse dado levou ao próximo estágio da investigação. "Quero que vocês escrevam o nome de todas as pessoas que tenham visto naquela casa, em qualquer ocasião", Murray pediu à família. "Por mais insignificante que pareça." Eles passaram a rabiscar um rol de amigos e conhecidos. Com esses

acréscimos, a lista da polícia aumentou para uns 40 nomes.

Quando as folhas das árvores começavam a cair em 1994, Murray e Murphy haviam esquematizado uma teoria bem fundamentada sobre as exatas circunstâncias do crime: despertada por uma batida à porta, Corinne Flynn arrastou-se descendo a escada. Com certeza ela conhecia o homem parado em seu alpendre. Provavelmente lhe disse que o carro havia quebrado, ou algo similar que exigisse o uso do telefone. Corinne o deixou entrar e acompanhou-o até o telefone que, segundo os detetives, ele teria desligado enquanto discava um número falso. Talvez lhe tenha dito que precisava esperar por algum tempo; ela, então, pediu-lhe que avisasse por ocasião da chegada do guincho para poder trancar a porta assim que ele partisse. Corinne subiu e voltou para a cama. Ele então a seguiu, estuprou-a e a matou. *Quem era aquele homem?*

Murray concentrou-se na figura do predador sexual, e lhe veio à mente uma boa dose de bebida. “Bom, ele está, provavelmente, em um bar”, imagina. “Toma umas e outras e pensa: *Pois bem, e agora, o que eu faço? Já sei – vou ligar para alguma garota. Dá uma olhada no seu caderninho preto. Nenhuma garota. Ei, e que tal aquela mulher com quem ando fantasiando? E lá vai ele.*”

Os dois detetives reduzem a lista de 40 nomes, concentrando-se naqueles com histórias de abuso de álcool ou de infrações por dirigir embriagado. Foi feito um levantamento de crimes através do banco de dados dos casos de li-

vramento condicional. Alguns suspeitos ficaram sob vigilância.

A busca incansável de Murray e Murphy em dezenas de arquivos nos tribunais e delegacias de polícia de Boston logo revelou diversos processos a respeito de Gerald C. Craffey há muito esquecidos: acusação de lesão corporal e tentativa de seqüestro de uma jovem de 20 anos em 1989, sem condenação; acusação de ameaça de agressão envolvendo uma mulher suspeita de prostituição em 1991, arquivada; e, em 1992, depois que Corinne foi morta, condenação, com suspensão condicional da pena, por ameaça de agressão com intenção de estupro e lesões corporais provocadas por faca.

Os Comperchio jamais souberam dos antecedentes criminais de Craffey, um carpinteiro de 28 anos, amigo da família. Ele esteve poucas vezes na casa de Corinne, e sempre por motivos triviais, talvez dando uma passada com um dos irmãos dela para arrastar o lixo até a calçada.

Quando toda a vizinhança congestionou um salão local para arrecadar o equivalente a 10 mil reais de recompensa a quem encontrasse o assassino de Corinne, Craffey esteve lá com os pais. Mais tarde, foi até a casa e disse à mãe de Corinne: “Como a senhora tem passado? Eu sei que é difícil. A senhora precisa levar um dia de cada vez.”

EM UMA TARDE gelada de novembro de 1994, no momento em que Craffey saía de uma obra em construção, os detetives esperavam por ele.

– Olá, podemos falar com você? –

perguntou Murray animadamente. – Somos da Divisão de Homicídios.

Cientes de que um suspeito, quando culpado, freqüentemente se mostra ansioso, eles imaginavam – na verdade, esperavam – que ele enrubescesse, demonstrasse nervosismo ou, no mínimo, hesitasse. Nada disso aconteceu. Nada.

Os detetives explicaram-lhe que o nome Craffey surgira por ele haver estado na casa de Corinne Flynn, e que precisavam apenas de uma declaração de rotina. Ele respondeu com tranqüilidade a todas as perguntas.

– Você nunca teve relações sexuais com ela, teve? – Murray perguntou por fim.

– Não, nunca – Craffey respondeu calmamente.

Murray e Murphy disseram-lhe que talvez solicitassem seu comparecimento à delegacia para prestar declarações formais, e ficaram observando enquanto Craffey partia em seu carro.

– O que você achou? – perguntou Murray ao parceiro.

– Para mim, ele passou com louvor – respondeu Murphy.

Mas homicídio é um jogo de probabilidades, e Craffey ainda parecia ser o favorito. Assim, durante meses, a dupla o deixou em paz. Algumas noites, Murray o seguia furtivamente, registrando seus hábitos na ronda dos bares. Mas não o abordaram. Não havia razão para assustá-lo; afinal, eles po-



Craffey não pareceu ansioso como acontece em interrogatórios onde o suspeito é culpado

deriam ter apenas uma oportunidade.

EM 26 DE ABRIL DE 1995, Craffey compareceu acompanhado da mãe para seu compromisso com os tiras da Divisão de Homicídios, às cinco horas da tarde. Com o rosto recém-barbeado e vestido com um jeans, parecia relaxado, até confiante.

Gentil, Murray cumprimentou a ambos no saguão de entrada. Então blefou dizendo que estava ocupado com outro assunto.

– Vocês estão com fome? – perguntou Murray, buscando alguns dólares no bolso. – Há uma lanchonete logo ali, do outro lado da rua. Aqui está, posso lhes oferecer um refrigerante? Um café?

Craffey recusou o dinheiro educadamente, mas saiu com a mãe, atravessando a rua. Murray e Murphy espiaram pela janela. O estratagema, em parte, tinha o objetivo de manter Craffey descontraído. Além disso, era uma demonstração de que ele não estava detido, podendo sair livremente. E qualquer ato ou declaração que fizesse naquela tarde, os detetives poderiam alegar depois, seria de livre e espontânea vontade.

Craffey foi conduzido à sala de conferência junto ao escritório da Divisão de Casos Não Resolvidos. Apoiado sobre um cavalete, havia um quadro com oito nomes, todos eles de amigos ou parentes de Corinne Flynn. Os cin-

co primeiros estavam marcados. Junto ao nome de Craffey, o sexto da lista, não havia qualquer sinal.

Murray explicou que os detetives costumam juntar provas de que alguém não estava envolvido em um crime. Com o canto dos olhos, Craffey deu uma espiada no quadro. Algumas vezes, continuou Murray, era proveitoso eliminar-se definitivamente da lista de suspeitos o nome das pessoas inocentes.

– Ora, é possível que você tenha bebido em garrafas ou latas que poderíamos haver encontrado na casa de Corinne, não é?

– Sim – respondeu Craffey. – Claro.

– Mas você tinha um direito legítimo de estar na casa dela?

– Sem dúvida.

– Então, você acha que poderíamos tirar uma amostra de seu sangue, a fim de compará-la a qualquer coisa que tenhamos encontrado?

Talvez Craffey desconhecesse o exame de DNA, ou presumisse que não se podia comparar amostras de sangue às de sêmen. Fossem quais fossem suas razões, ele concordou. E no instante em que o fez, o perito de Medicina Legal surgiu subitamente pela porta da sala ao lado, com uma seringa na mão.

Em 14 de setembro, a dupla de detetives soube o resultado do exame de sangue e obteve um mandado de prisão. Dessa vez, para garantir a valida-

de do depoimento, leram para Craffey seus direitos e, assim que ele começou a falar, ligaram o gravador.

Segundo a polícia, Craffey alegou estar entorpecido por cocaína e bebida naquela noite de 25 de agosto de 1991. Já havia passado da meia-noite, dia 26 de agosto, quando bateu à porta da casa de Corinne. Ela destravou a porta e deixou-o entrar. Craffey disse que conseguiu a faca na cozinha. “Eu me lembro de ter feito sexo com ela”, disse ele numa voz sem emoção. “E então tudo se apagou.”

Acusado formalmente de homicídio, Craffey permaneceu de costas com a cabeça baixa. Não olhou para a família de Corinne Flynn, nem mesmo quando Paul Flynn, ex-marido de Corinne e pai de Courtney gritou: “Erga essa cabeça!” Craffey foi mandado para o hospital estadual para observação.

A polícia diz que sua amostra de sangue combina tão bem com o esperma encontrado no local do crime que exclui todas as pessoas do planeta, exceto 13. Em 15 de agosto de 1996, quase cinco anos depois do crime, Craffey se declarou culpado de homicídio e estupro qualificado, e foi condenado à prisão perpétua e a uma pena adicional de 15 a 20 anos.

Bárbara Comperchio ainda treme quando fala sobre o crime. “Só consigo pensar em uma coisa”, ela diz. “Como Corinne deve ter se sentido aterrorizada com aquele maníaco.”

ERA EVIDENTE QUE nossa secretária estava tendo um dia especialmente difícil. Olhando para o relógio, ela exclamou:

– São só duas horas! A esta hora, em geral, já é mais tarde!